

Tramas do feminino: tensões e disputas na colônia portuguesa do Rio de Janeiro*

*Lená Medeiros de Menezes***

Quando eu era solteirinha,
usava fitas aos molhos.
Agora sou casada
e trago lágrimas nos olhos.

Eu casei-me, cativei-me
Troquei a prata ao cobre
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.

Solteirinha, solta solta,
Casada, prisão, prisão
Mais vale uma só solteira
Que muitas casadas hão.

(*Apud* Brettell, 1991)¹

Os estudos sobre emigração/imigração, na dimensão do feminino, vêm dando importantes contribuições ao tema geral das migrações. Cada vez mais, as mulheres abandonam o 'lugar' da passividade nos processos de deslocamento, para assumir a posição de protagonistas, seja com relação à decisão de migrar, os preparativos da viagem² e a escolha dos caminhos a serem seguidos na construção de uma nova vida em terra estrangeira, seja nas

* O artigo constitui-se em resultado de pesquisa mais ampla desenvolvida com Bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq, que conta, também, com taxa de bancada da FAPERJ (Programa *Cientista do Nosso Estado*).

** Professora Emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Titular de História Contemporânea, atualmente com bolsa de Pesquisador visitante da mesma Universidade.

responsabilidades assumidas na terra de partida³ e, quando também e/imigrante, na construção da nova vida em terra estrangeira.

Silenciosas, as mulheres [perguntaria Michelle Perrot] - Mas entendemos que elas, dirão alguns de nossos contemporâneos, que demonstram até angústia frente a sua irresistível ascensão e sua palavra evasiva: ‘Elas, elas, elas, elas, sempre elas, vorazes, tagarelas... mas, não mais exclusivamente nos salões de chá, transbordando do privado ao público, do ensino ao tribunal, dos conventos à mídia e mesmo, oh Cícero, Saint-Just e Jaurés, no Parlament’.

Certamente. A erupção de uma presença e de uma palavra feminina nos lugares que lhe eram até então proibidos, podemos dizer familiares, é uma inovação do último meio século que muda o horizonte sonoro. Subsistem, então, áreas silenciosas e, no que concerne ao passado, um oceano de silêncio, ligado à própria divisão desigual dos traços, da memória e, mais ainda, da história, essa narrativa que, há muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, condenadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora de tempo, pelo menos fora dos eventos.⁴

Nas palavras de Michelle Perrot, a denúncia dos processos de silenciamento que, tradicionalmente, são impostos às mulheres. E mais, a de que, apesar dos avanços, permanecem ‘zonas mudas’ na dimensão do sonoro. Dizemos nós: ‘zonas mudas’ que impactam os estudos migratórios.

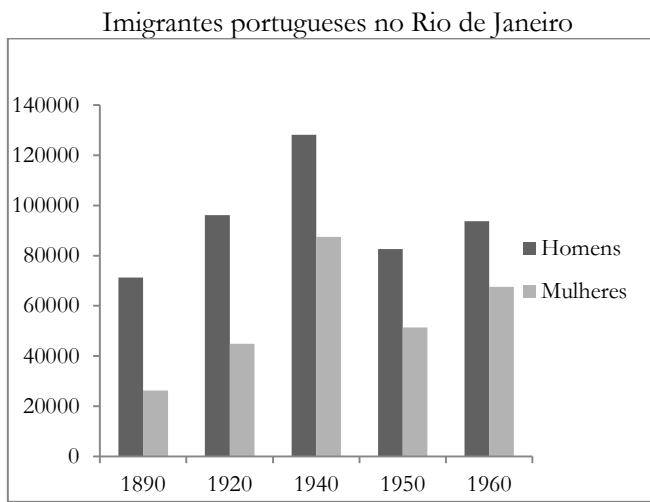
Várias facetas do cotidiano vivido pela mulher em terra estrangeira, portanto, permanecem à margem das análises realizadas. Além disso, os estudos conhecidos não têm conseguido fugir de representações que consagram tipos ideais e que contemplam, principalmente, mulheres sujeitas ao poder marital, que esgotam sua vida no trabalho e no cuidado com o marido e filhos, como bem ilustrado nos versos populares acima transcritos. Na contra mão dessas análises, situam-se estudos que se dedicam a analisar os bastidores dos processos de deslocamento de massa, com destaque para os deslocamentos transoceânicos que visavam o mercado prostitucional; processo no qual se incluíam, também, mulheres portuguesas.⁵ Entre estes dois polos - verso e

anverso – do mesmo campo representacional, viveram, porém, mulheres que não se ajustavam a estes limites rígidos, com suas grandezas, limites, traições e tensões cotidianas, inerentes às relações afetivas seu ser e estar.

A interveniência dessas representações, certamente, é um obstáculo que o historiador deve ter sempre em mente, para não cair nas armadilhas ditadas por aquilo que os documentos ou os testemunhos dizem – ou não dizem – condicionando-os, não raras vezes, a reproduzir as mesmas imagens e os mesmos estereótipos. Esse processo, ademais, intervém nas análises sobre as migrações em geral, sujeitas a mitos recorrentes. No caso do Rio de Janeiro, em particular, determinadas representações, durante muito tempo, afetaram a imigração e a presença portuguesas, pois, a partir das propostas imperiais de modernização inspiradas em Londres ou Paris, houve a tendência a identificá-las com o atraso e com o imobilismo.⁶

Nas análises que não sofrem o recorte do gênero, as mulheres permanecem submetidas a um silêncio incomodativo. É corrente, por exemplo, a afirmação de que a imigração portuguesa para o Brasil foi eminentemente masculina, constituída por levas de homens solteiros. Quando priorizamos a presença da mulher, entretanto, em documentos como os censos demográficos, constatamos que essa afirmação não pode ser tão generalizada, pois uma evolução significativa na presença feminina ocorreu no século XX, com a ocorrência de uma tendência a um maior equilíbrio entre os números relativos a homens e mulheres, por volta de meados do século.

Tomando-se como base de análise os censos realizados entre 1890 e 1960, comprovamos que as mulheres portuguesas fixadas na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, eram 26.221 em 1890, 44.908 em 1920, 87.540 em 1940, 51.308 em 1950 e 67.512 em 1960.



Fonte: BRASIL. Censos demográficos de 1890, 1920, 1940, 1950 e 1960. Elaboração própria.⁷

A presença das mulheres em relação aos homens descreveu, portanto, curva ascendente, representada pelos seguintes percentuais 36,82% em 1890, 46,68% em 1920, 68,32% em 1940, 62,12 % em 1950 e 72,03% em 1960.

Para esse crescimento contribuiu o crescimento da imigração familiar, e, superados os perigos do parto, a uma maior expectativa de vida por parte das mulheres, o que acabava resultando em total inversão nos números relativos à viuvez, majoritários no universo feminino; condição passível de ser observada nos registros censitários. Em 1920, por exemplo, havia quase duas viúvas para cada viúvo no conjunto da comunidade portuguesa, sendo 7.427 as viúvas contra apenas 4.480 viúvos.

É importante registrar que, mesmo com o falecimento de seus maridos, as mulheres emigradas tendiam a permanecer no Brasil, tendo por explicação e justificativa o fato de seus filhos terem nascido ou crescido no país; situação

que se mostra mais explícita quando são instadas a manifestar seu desejo de voltar ou não à terra de origem.

A cenografia⁸ na qual se desenvolvem as análises desse trabalho tem, justamente, a imigração familiar dos idos de 1950 como pano de fundo, no qual se movimentaram mulheres que, por razões diferenciadas, desvincularam-se do domínio e autoridade marital.

Aprofundando o tema

Desdobramento de pesquisa mais ampla sobre imigração portuguesa no Rio de Janeiro, o presente artigo coloca o foco nos ‘silêncios’ que afetam mulheres ‘comuns’, com destaque para suas relações afetivas e as tensões delas derivadas, discutindo, ainda, a liberdade possível a mulheres que se tornaram viúvas de maridos mortos ou ‘vivos’.⁹

O ponto de partida para as reflexões aqui apresentadas é o depoimento de uma senhora nascida em 1932, que chegou ao Brasil no contexto do renascimento da imigração de massa no imediato pós Segunda Guerra.¹⁰ Simpática, falante, empreendedora, orgulhosa de ter vencido muitos desafios no vir a ser de sua vida no Brasil, por ocasião da entrevista a mim concedida, permeou a narrativa de sua trajetória com referências raivosas – portanto, dolorosas – a uma amiga, que veio a se tornar sua maior inimiga. Ao longo de toda uma entrevista voltada para pesquisa para o tema do empreendedorismo português feminino, o assunto era desvirtuado com menções a uma mulher que constituía seu maior desafeto, causadora de uma ferida que não sarava. Por mais que eu, na qualidade de entrevistadora, buscasse retornar ao tema que me havia levado à entrevista, suas lembranças sobre a ‘outra’ - tal qual um espectro

que assombrava sobre sua vida – voltava à cena demonstrando sua importância para seu passado-presente.

Tomando consciência de que as lembranças sobre seu passado estavam impregnadas pela relação conflituosa que vivenciara com a ‘outra’, decidi, por fim, deixá-la falar, fazendo anotações à parte sobre um tema transversal por ela a mim apresentado. Quem sabe, tal como Ginzburg¹¹ e o processo movido contra o moleiro do Friuri, estivesse a mim se apresentando novas possibilidades de tratar do tema amplo da e/imigração, que contemplassem o cotidiano dos/as imigrantes em terra estrangeira, nas relações que tratavam com seus conterrâneos.

Devido às especificidades das declarações prestadas, optei, por razões éticas, em manter, neste artigo, o nome da entrevistada, ainda que a mesma tenha assinado termo de concordância com a divulgação acadêmica de suas declarações, sem pedir exclusão de nada do que disse. O mesmo sigilo será mantido sobre a outra mulher, até porque nunca chegamos a entrevista-la. De seu nome verdadeiro, sabemos apenas que, como a entrevistada, a ‘outra’ chama-se Maria; uma dentre tantas outras Marias que desembarcaram nos portos brasileiros: das Dores, do Rosário, das Graças, Imaculadas, Aparecidas, Augustas, etc.

É importante destacar que ambas as mulheres nasceram em um mesmo distrito de Portugal, tendo amigos comuns dos dois lados do Atlântico, acrescentando-se o fato das duas famílias terem morado, durante vários anos, no mesmo bairro carioca, tecendo, portanto, relações muito próximas. As relações de amizade entre as duas mulheres só foram rompidas quando a entrevistada, que chamaremos Maria X, defrontou-se com uma traição inesperada, que plantou um ódio que nunca mais iria passar. Observe-se, que,

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

mesmo assim, Maria X permaneceu unida ao restante da família, continuando a prestar-lhe ajuda e solidariedade quando a outra estava ausente.

Tanto Maria X quanto sua Maria Y - a ‘outra’ – estão vivas, octogenárias e moram no Brasil, visto Maria Y, após muitas idas e vindas ter optado por terminar seus dias junto aos filhos. Cada qual a seu modo, as duas são exemplos vivos de coragem e decisão, que souberam tomar nas mãos seus destinos, atuando, de forma independente, na tessitura de seu cotidiano. E o principal: souberam viver, com intensidade, suas conquistas e defender a liberdade que - por uma ou outra razão - haviam conquistado. A primeira, por conta de uma viuvez precoce em terras brasileiras; a segunda, na condição de “viúva de marido vivo”, optou por deixar marido e filhos no Brasil e viver a liberdade do ir e vir, circulando entre dois mundos.¹²

É importante esclarecer que temos total consciência dos limites e dos perigos existentes na opção por transformar um único caso - ainda que exemplar - em objeto de análise. Afinal, o desafio de passar do particular para o geral está repleto de armadilhas. No entanto, um caso individual, relativo a pessoas ‘comuns’, pode se mostrar altamente revelador, colocando-se como uma ‘janela’ para processos mais amplos, possibilitando, assim, novos olhares e novas perspectivas de abordagem. Nesse sentido, podemos evoluir da afirmação de Thompson (1987) de que as classes populares deixam poucos registros de sua trajetória e que esses registros podem ser buscados nos processos criminais, para a constatação de que a história oral também fornece importantes pistas de vidas relegadas no anonimato, desde que o historiador tenha sempre presente que a memória é seletiva e uma reconstrução permanente.

Narrando fatos

Corria o ano de 1950, quando Maria X desembarcou no porto do Rio de Janeiro, como integrante de uma família constituída por quatro integrantes. Tinha apenas 18 anos e pisava o solo brasileiro após uma “viagem terrível”, na qual não conseguira se alimentar, devido à náusea permanente causada pelo balanço do mar. Chegar à nova terra constituiu-se, portanto, em motivo de dupla alegria, apesar da tristeza de ter deixado Portugal e seu primeiro namorado. Em primeiro lugar a alegria era explicada pelo fato de viver o primeiro ato de sua nova vida, o que significava deixar para trás o trabalho de “cortar capim e ordenhar ovelhas”, em uma aldeia por ela descrita como “um lugar pequeno e feio, de ruas esburacadas e cheias de pedras”.¹³ Em segundo lugar, uma alegria mais imediata: o fato de poder pisar terra firme, abandonando o navio e os tormentos do movimento incessante das marés, que se tornava amedrontador durante as tempestades, tendo por local de abrigo e repouso uma rústica cabine de terceira classe.¹⁴

A escolha do Brasil como terra de destino fora feita pelo padrasto, que já tinha vivido no Brasil, onde deixara alguns amigos. A vinda da família reforçava, assim, uma cadeia migratória¹⁵ que unia a aldeia natal a determinados subúrbios cariocas, onde havia a presença de trabalhadores e pequenos comerciantes portugueses,¹⁶ oriundos de uma mesma região de origem.

Em família, a vida não era inteiramente feliz. As relações de Maria X com a mãe eram tensas e, segundo ela, marcadas pela falta de carinho. Por isso Aurora desenvolveu um profundo medo com relação a ela. Aliás, a falta de carinho da mãe foi um dado recorrente na entrevista. Foi o medo da reação da mãe, por exemplo, que a impediu, em um momento de profunda tristeza, de recorrer à embaixada portuguesa para pedir passagem para retornar para

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

Portugal. Com profunda tristeza ela recorda, também, que, quando estava para casar, não recebeu da mãe nenhuma peça de enxoval, tendo que assumir sozinha os preparativos do casamento, incluindo a confecção do enxoval.

Logo que chegou ao Rio de Janeiro, Maria X foi trabalhar como doméstica em um domicílio situado na zona sul da cidade. As investidas amorosas do patrão, entretanto, fizeram com que ela tivesse que abandonar o emprego. Tornou-se, a seguir, operária de fábrica e, posteriormente, garçonne em uma lanchonete, de propriedade de um português, que viria a desempenhar importante papel em sua vida, sempre disposto a auxiliá-la em momentos difíceis e a garantir-lhe o apoio emocional e financeiro necessários para a superação das dificuldades que enfrentava. Seria justamente esse homem que se transformaria no pivô das tensões, disputas, brigas e mágoas que marcariam, para sempre, sua vida.

O casamento com um português, sapateiro por profissão, que ela conheceu no Brasil, ocorreu em 1952, quando Maria X tinha 20 anos; dois anos, portanto, após ela ter chegado ao Brasil. De alguma maneira, o matrimônio significou, para ela, uma libertação, principalmente com relação à mãe. Profissional respeitado no ramo da fabricação artesanal de calçados (uma tradição em sua terra de origem), era auxiliado por Maria na finalização das peças que, antes dos filhos nascerem, sempre o acompanhava na venda das peças em sapatarias do centro da cidade.

Com o nascimento dos filhos – três no total - o casal mudou de casa e de bairro, passando a conviver, de perto, cidade, com a família de Maria Y que, por este tempo, possuía um pequeno armazém de subúrbio. Seguindo o caminho trilhado por muitos de seus conterrâneos, Maria X e o marido tornaram-se pequenos comerciantes, escolhendo o ramo das quitandas para desenvolverem

suas atividades. Dos três filhos que o casal teve, dois morreram ainda crianças: a menina, ainda bebê e o mais velho com nove anos de idade, pouco antes da morte súbita do pai. Com essas mortes, Maria viu-se viúva muito jovem e com um filho para criar, não tendo apoio familiar. Os gastos com o filho doente e, depois, com a morte do marido, custaram-lhe todas as economias e ela precisou “recomeçar do zero”.

Entre voltar para Portugal ou permanecer no Brasil, ela optou por permanecer na terra que a acolhera havia 16 anos, quando ela era apenas uma jovem de poucos sonhos e nenhuma qualificação. Considerou, naquele momento, que não encontraria, na terra natal, boas oportunidades de trabalho e sobrevivência, tendo de criar o filho que lhe restara, com a dificuldade de seu iletramento.

Tendo fé em sua capacidade de trabalho, persistiu no caminho do negócio próprio, não mais investindo em quitanda, mas em um armazém de secos e molhados. Para tanto, recorreu aos amigos, ao antigo patrão (proprietário de lanchonetes) e a empréstimos bancários. Foi dessa forma que comprou o pequeno armazém de propriedade de Rosário. Emaranhavam-se, assim, os fios de uma trama transcontinental, envolvendo três personagens: um homem e duas mulheres, todos portugueses/as de nascimento.

Durante 12 anos, Maria X administrou o armazém, fazendo dos fundos do estabelecimento sua moradia, onde ela e o filho disputavam espaços com as mercadorias. Os lucros, porém, eram muito pequenos e a vida muito difícil, por mais que ela trabalhasse – e o trabalho, segundo ela, era bastante pesado. Acabou por falir e necessitar, mais uma vez, “recomeçar do zero”. Segundo ela, foi alvo de sabotagens e pequenos furtos, onde via a mão invisível da antiga proprietária. Uma comprovação disto, de acordo com sua visão, foi o fato de

ter que vender o armazém, “pela metade do preço de compra” aos antigos proprietários.

Para recomeçar, contraiu novos empréstimos e obteve novo auxílio do amigo de sempre, conseguindo, assim, abrir um novo estabelecimento, em outro bairro da cidade, que administra e no qual trabalha, com o filho, até os dias de hoje. Não mais um armazém, mas um bar, onde passou a oferecer aos clientes pratos da culinária portuguesa que tão bem sabia fazer,¹⁷ com destaque para o cozido dos dias de feira na localidade.

Situado na rua de maior movimento no bairro onde se situa, o bar foi o cenário no qual ela se deixou fotografar pela pesquisadora, sorridente e orgulhosa da trajetória que construiu. Esta, marcada por muito trabalho, permitiu-lhe ter negócio e casa própria, possibilitando, assim, a ascensão social tão sonhada por todos no momento da partida de “uma terra pobre”, naquele momento, sem qualquer perspectiva de futuro. Nesse sentido, diz ela, agradece ao Brasil por suas conquistas. Com relação às suas lembranças elas são, em última instância, uma forma de valorizar o caminho percorrido. Apor outro lado, as dificuldades enfrentadas, longe de se traduzirem em desespero imobilizador fortaleceram seu caráter e ela tem orgulho em dizer que nunca teve medo de recomeçar; autopromoção comum e justificável.

Não só de perdas, tristezas e trabalho, porém, foi construída a vida de Maria X. Nas tramas do cotidiano, ela construiu amizades e fez inimizades; vivenciou parcerias e traições, entregou-se a afetos e desafetos. Tendo optando por nunca mais casar, não abdicou do afeto e amor masculino e pensou ter encontrado, no antigo patrão, o companheiro para o resto de sua vida. Amigo e companheiro das boas e más horas, ele se tornou, assim, elemento vital em sua vida e personagem destacado em suas dolorosas memórias, com a traição

protagonizada por ele e por aquela que ela considerava amiga, causando-lhe revolta e amargura que permanecem nublando sua felicidade.

Sobre Maria Y – a amiga que se transformou em sua pior inimiga –, segundo Aurora, ela exerceu sua feminilidade na circulação entre Portugal e Brasil (onde viviam o marido e os filhos). Ela emigrara na companhia deles, mas, alegando dificuldades de adaptação, permaneceu pouco tempo em terras brasileiras, retornando para a terra natal. A partir de teria empreendido várias viagens transatlânticas, passando períodos no Brasil, gozando, assim, de uma liberdade de movimentação nada comum à época.

Com o retorno de Maria Y para Portugal, Maria X permaneceu dando o apoio possível à família que ela deixara no Brasil, auxiliando nos trabalhos domésticos, tornando-se, de alguma maneira, parte do agregado familiar e contribuindo com o crescimento das crianças, carentes de mãe. O silêncio, porém, recaiu sobre os laços de amizade que passaram a existir entre ela e o marido da esposa.

As relações de amizade entre as duas Marias, cultivadas, em parte, à distância, mudou drasticamente por uma circunstância fortuita e amorosa. Com a partida de seu amigo e protetor para uma viagem por Portugal, com o objetivo de visitar parentes e amigos, Maria X encarregou-o da entrega de alguns presentes à amiga, para que a mesma os distribuísse às pessoas que ela indicava em carta. Esse encontro, por ela propiciado, deu início a um caso de amor, responsável por abrir feridas que nunca cicatrizariam, ao ponto de emergirem, como lembrança e desabafo, sempre que ela é convidada a falar sobre seu passado. O fato de Maria Y ter continuado casada, apesar de seu comportamento nada convencional, era para Aurora, para além da traição, um fato imperdoável.

Reflexões finais

Como foi mencionado anteriormente, a história acima constitui-se em caso particular e, assim, deve ser entendida. A questão que está proposta, porém, é mais ampla e se coloca para além de estereótipos consagrados e mitos reproduzidos ao longo do tempo, abrindo espaço para a enunciação de novas abordagens sobre o tema complexo das migrações e dos deslocamentos físicos que se desdobram em sociais e culturais. Duas possibilidades principais de análise, dessa forma, são aqui propostas. A primeira é a discussão, em novas bases, da situação da imigrante portuguesa com relação aos papéis sociais a ela atribuídos na terra de origem e das transgressões possibilitados pelos deslocamentos. A segunda é o destaque que pode e deve ser dado à liberdade conquistada pelas mulheres emigradas, principalmente no caso da viuvez real e da viuvez possibilitada por maridos vivos.

Segundo Mazzeo,¹⁸ em livro dedicado, segundo ela, a “encontrar os traços deixados por uma mulher escondida por trás do rótulo da famosa marca de champagne”, as viúvas eram “as únicas a ter liberdade social para gerir seus próprios negócios”, pois “tendo perdido o marido, podiam tomar suas próprias decisões”, ainda que, muitas vezes, tivessem que pagar “um preço alto (...) por essa oportunidade”. A tese por ela proposta para o século XIX, a nosso ver, manteve-se verdadeira no século que se seguiu, principalmente quando o foco recai sobre mulheres imigrantes que, em última instância, sem o marido, não possuem os cerceamentos familiares que teriam em Portugal.

No caso específico das viúvas portuguesas, em livro referencial sobre emigração de uma freguesia do Minho, Caroline Brettell nos coloca em contato com mulheres que choram a partida de seus maridos, preservando, na ausência, a fidelidade ao marido distante. Segundo a autora, elas eram “de certo modo, o

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

resultado de uma longa tradição de emigração masculina” que, por outro lado, “contribuíram para a perpetuar”.¹⁹

Enquanto os maridos estavam fora do país, as mulheres do Norte de Portugal, em especial as da província do Minho, tinham o costume de se vestir de preto, pelo que lhes vieram a chamar ‘viúvas dos vivos’. Cultivavam a terra, criavam os filhos e esperavam pelo dia em que os maridos voltassem da Espanha, do Brasil ou de outro lugar distante.²⁰

Essa vida de espera e de resignação, apesar de passarem a desempenhar ‘importantes papéis econômicos’, certamente caracterizou a vida da maioria das mulheres “viúvas de vivos”, possibilitando o surgimento de uma personagem-tipo no contexto da emigração portuguesa. Considerando-se, entretanto, a história narrada por Maria X, este foi um comportamento que admitiu exceções. Deve ser destacado, por outro lado, que o Minho interior ao qual se refere Brettell não era reproduzido – pelo menos da mesma forma – em outras regiões, principalmente nas litorâneas. No caso das Marias que protagonizam este trabalho, elas nasceram mais ao sul, próximo ao litoral, a caminho de Lisboa. Deve-se ser considerado, por outro lado, que a morte e o luto, em qualquer situação que se apresente, estão sujeitos a um vasto leque de emoções e de transformações pessoais, que cada pessoa vivencia de uma determinada forma. Para muitas mulheres, inclusive, o luto é pura convenção, pois a morte de seus maridos pode significar sua libertação de casamentos infelizes e/ou opressores.

A referência ao trabalho de Brettell não tem o intuito de buscar similitudes ou distanciamentos entre o Minho e outras regiões de Portugal, com relação às “viúvas de vivo”. O objetivo do artigo é, antes de tudo, relativizar representações cristalizadas sobre a mulher e, principalmente sobre mulheres casadas e viúvas, buscando desvelar estratégias – silenciosas - para enfrentar a

distância e a viuvez (de fato ou assumida) e, conseqüentemente, a tristeza, o amor distante e a solidão. Ou melhor, o que está proposto é uma reflexão sobre o fato de que nem todas as viúvas – de maridos mortos ou vivos – esgotaram suas vidas no lamento e na tristeza. Houve aquelas que, ao assumir a condução de suas vidas, ousaram na busca de novas possibilidades de vida, muitas vezes transgredindo convenções sociais. Para tanto, contribuíam situações que variavam dos aspectos culturais e sociais à situação econômica ou grau de instrução, com a e/imigração sendo fator determinante.

Com base nestas e em outras questões, é possível cultivar novos olhares sobre as mulheres imigrantes e relações entre elas travadas, que contemplem, por exemplo, para além da questão do exercício da liberdade, tensões e disputas e novos aportes sobre a viuvez (real ou imaginada). Nesse caso, a consideração de que a liberdade que afetou às viúvas de marido falecido deve ser estendida, em alguns casos, às viúvas de ‘marido vivo’; liberdade possibilitada pela distância que separava o casal, associada aos novos papéis assumidos pelas mulheres. Tudo colaborava, assim, para propiciar e aprofundar uma nova postura frente a si própria e à comunidade, que tendia, muitas vezes, a afastá-la da imagem da mulher submissa, conformada e sofredora.

Essa é uma tese instigadora, que, sem dúvida, incentiva a busca de novos caminhos de pesquisa, apesar das dificuldades que, certamente, aparecerão pelo caminho, devido às inúmeras estratégias do não dizer. Afinal, não podemos esquecer que, no caso que aqui serve de exemplo, uma das protagonistas que, sem dúvida, transgrediu – e muito – as convenções sociais e os padrões de comportamento não teve voz na narrativa. Ela se corporificou na voz e nas lembranças de uma ‘outra’ que nela jogou todo o peso de sua desventura amorosa e da amargura que invadiu sua alma. Essa, por sua vez, assumiu, com

liberdade, eu relacionamento amoroso para com o patrão transformado em ‘namorado’, mas silenciou sobre outras possíveis relações. Acreditamos, de qualquer forma, que, em casos específicos como o que dá corpo a este artigo, o ódio tolde a objetividade dos fatos, mas acreditamos, também, que, apesar dele, tramas afetivas sejam desveladas e, através delas, o processo da vida em terra estrangeira possa adquirir maior complexidade, que ultrapasse versões lineares dos processos migratórios.

¹ BRETTELL (1991), p. 157.

² Destaque-se a compra e a arrumação da mala, a determinação de seu conteúdo, a escolha dos alimentos a levar, bem como dos presentes para parentes e amigos emigrados.

³ Dentre estas, a do gerenciamento da casa, terra, rebanhos, negócios comerciais, dívidas, arrendamentos e outros.

⁴ PERROT (1998).

⁵ MENEZES (1996).

⁶ Estas representações pontuam, por exemplo, a obra de Luís Edmundo, escritor francófilo por excelência, apologista da reforma Pereira Passos, no Rio de Janeiro do início do século. Seus elogios ao prefeito que buscava transformar o Rio de Janeiro na Paris dos trópicos baseavam-se no fato do mesmo “transformar em uma cidade moderna e digna a velha cidade portuguesa”, declarando “guerra aos bacalhoeiros (...), aos tamanqueiros (...), aos mestres-de-obras que [construíam] no estilo compoteira e outros autores do atraso colonial” (Edmundo, 1957: 32 – grifos nossos). Ver, também, MENEZES (2008), in M. M. BENZONI; R. FRANK; S. M. PIZETTI, (org.), pp. 271-280.

⁷ BRASIL. Directoria Brasileira de Estatística. *Recenseamentos Demográficos de 1890 e 1920*/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Recenseamentos Demográficos de 1940, 1950 e 1960*. Disponíveis em www.ibge.org.br. Acesso em diferentes datas e oportunidades.

⁸ Termo tomado à Análise de Discurso.

⁹ O termo viúva de marido vivo é utilizado por Caroline Brettell (1991), para caracterizar mulheres que permaneceram em Portugal à espera de maridos que nunca voltaram. No presente trabalho esse conceito é ampliado, também, para aquelas que optavam por emigrar e, depois, por retornar - sem a família - a Portugal, algumas das quais passavam a circular entre os dois continentes, construindo pontes de trânsito entre o ‘lá’ e o ‘cá’.

¹⁰ Os números constantes do Relatório do Ministério do Trabalho de 1964 indicam e evolução significativa dos números de entradas de portugueses no Brasil: 1.474 em

1945, 6.342 em 1946, 8.921 em 1947, 2.751 em 1948, 6780 em 1949, 14.739 em 1950, 28.731 em 1951, 42.815 em 1952, 33.735 em 1953, 30.062 em 1954, 21.264 em 1955, 16.803 em 1956, 19.471 em 1957, 21.928 em 1958, 17.345 em 1959, 3.105 em 1960, 15.819 em 1961, 13.713 em 1962, 11.585 em 1963. O resultado ainda visível dessas novas levas de emigrados é a presença de viúvas, na faixa dos 80 aos 90 anos, administrando bares espalhados pelos diferentes bairros da cidade.

¹¹ GINZBURG (1987).

¹² É importante dizer que muito recentemente Maria Y, já ‘viúva de fato’, optou por se fixar no Brasil, indo morar na casa de um de seus filhos, conforme nos disse a depoente.

¹³ A alegria pela libertação dos afazeres na lavoura também foi destacado por outras mulheres que foram entrevistadas, como Maria das Neves Dias Pinto, natural de Viseu, nascida em 10 de março de 1935. Para ela, a saída de Portugal significou “uma libertação das obrigações que tinha em Portugal, como o trabalho árduo da lavoura e a responsabilidade de cuidar dos irmãos e auxiliar a mãe nos afazeres domésticos”.

¹⁴ Depoimento em entrevista concedida à autora em 22 de abril de 2011.

¹⁵ Para os MacDonal, “a cadeia migratória pode ser definida como o movimento através do qual os futuros migrantes tomam conhecimento de oportunidades, obtêm os meios para o transporte e conseguem instalação inicial e emprego, por meio de relações sociais primárias com emigrantes anteriores”. Cf. MACDONALD (1964), pp. 82-6).

¹⁶ É importante lembrar que os portugueses, desde o século XIX, acompanharam a expansão da malha urbana, buscando nas periferias as oportunidades para abrir o próprio negócio. Essa presença espalhada pode ser visualizada nos censos demográficos de 1890 e 1920. Sobre o tema, ver MENEZES (2007), in SOUSA; MARTINS (org.), pp. 86 - 105.

¹⁷ Vários dos portugueses, que migraram na onda migratório dos anos 1950/60, são hoje proprietários de bares em diferentes bairros da cidade, com grande visibilidade em locais como a Grande Tijuca, São Cristovão e Irajá. Sobre o tema, ver MENEZES (2012). *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 6, pp. 79-95.

¹⁸ MAZZEO (2009), p. 70.

¹⁹ BRETTELL (1991), p. 113. Grifos nossos.

²⁰ BRETTELL (1991), p. 113. Grifos nossos.

Referências bibliográficas

BRETTELL, Caroline B. (1991). *Homens que partem, mulheres que esperam. Consequências da emigração numa freguesia minhota*. Lisboa: Dom Quixote.

EDMUNDO, Luiz (1957). *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista.

GINZBURG, Carlo (1987). *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras.

- MACDONALD, J. S.; MACDONALD, L. D. (1964). *Chain Migration, Ethnic Neighborhood and Social Networks*. The Milbank Memorial Fund Quaterly, (XLII), 1, enero, pp 82-96.
- MAZZEO, Tilar J. (2009). *A viúva Cliquot*. A história de um império do *champagne* e da mulher que o construiu. Rio de Janeiro: Rocco.
- MENEZES, Lená Medeiros de (1996). *Os Indesejáveis*. Desclassificados da Modernidade, protesto, crime e expulsão na Capital Federal, 1890-1930. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- _____. (2008). Les portugais em tant que représentation de l'immobilisme dans la modernisation républicaine. In: Marie Matilde BENZONI; Robert FRANK; Silvia Marie PIZETTI (org.). *Images des peuples et histoire des relations internationales du XVIe siècle à nos jours*. Paris: Publications de la Sorbonne, pp. 271-280.
- _____. (2012). "Imigração Portuguesa: lembranças de terras distantes. Tijuca e São Cristovão como estudo de caso". *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 6, pp. 79-95.
- PERROT, Michelle (1998). *Les femmes ou les silences de l'histoire*. Paris: Champs/Flammarion.
- SARGES, Maria de Nazaré; SOUZA, Fernando; MATOS, Maria Izilda (org.) (2010). *Entre-Mares – O Brasil dos Portugueses*. Belém/Pará: Paka-Tatu.
- SOUZA, Fernando e MARTINS, Ismênia de Lima (org.) (2007). *A Emigração Portuguesa para o Brasil*. Porto/Rio de Janeiro: CEPESSE/FAPERJ, pp. 86- 105.
- THOMPSON, E. T. (1987). *A formação da classe operária inglesa: I. a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Oficinas da História, 1).